

Sarney diz que resistirá ao confronto

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O presidente José Sarney decidiu ontem contra-atacar os inimigos do Plano Cruzado, que, segundo ele, estão em todos os setores, e os classificou de "radicais" e "maus brasileiros". Através do programa "Conversa ao Pé do Rádio", levado ao ar todas as semanas por uma cadeia nacional de emissoras, Sarney acusou os que falam mal do Plano Cruzado de terem partido para o confronto, prometeu resistir a todas as pressões para acabar com o congelamento de preços e apre-

sentou números que mostram um bom desempenho da economia brasileira.

O desemprego foi o primeiro item mencionado pelo presidente da República: ele está caindo e já atinge uma taxa que para o governo "é quase nada", de apenas 3%. "Desde que se começou a medir o desemprego no Brasil, em 1980, nunca a taxa chegou a níveis tão baixos." Em seguida, Sarney partiu para as previsões de que este ano o Brasil vai ter 1,9 milhão de novos empregos, 6% a mais do que no ano passado. "É uma vitória", afirmou.

O País também atinge mais

um recorde, segundo o relato do presidente, no poder de compra real dos salários, atualmente na faixa de 14%. "Estas coisas, em benefício dos trabalhadores, especialmente dos mais pobres, estão acontecendo porque há um crescimento geral das indústrias, como nunca ocorreu antes no Brasil."

De acordo com Sarney, o governo está fazendo tudo "em benefício do povo", não podendo ser culpado pela atitude "dos maus brasileiros que sonham mercadorias, que especulam, que praticam crimes contra a economia popular". No entanto,

não poupou também de críticas os movimentos de paralisações desencadeados por trabalhadores em indústrias e setores que atingem diretamente a população. Ele citou quatro exemplos: a greve dos portuários em Santos, a dos comissários de bordo da Vasp, as paralisações das siderúrgicas de Volta Redonda e as invasões de terras "que visam a tumultuar a reforma agrária". Os prejuízos que o País sofre com as práticas de paralisações "não correspondem aos interesses dos trabalhadores", afirmou o presidente.

Para Sarney, o Plano Cruza-

do estabeleceu uma condição de diálogo. "Por que não tentar? Qual o motivo de partir para o confronto?", indagou ele, enumerando em seguida os benefícios decorrentes do congelamento de preços, do fim do arrocho salarial, da redução da inflação e dos benefícios da previdência estendidos aos trabalhadores do campo. "Não estamos censurando ninguém, mas estamos conciliando as brasileiras e brasileiros de todas as classes sociais para que, juntos, possamos resolver esses problemas", acrescentou.

REFORMA AGRÁRIA
No programa radiofônico,

Sarney lembrou, ainda, do primeiro aniversário da reforma agrária, a ser comemorado no próximo dia 10. Segundo ele, a reforma "não é um instrumento de agitação nem de perturbação da produção agrícola". Pelo contrário, prosseguiu, a reforma agrária é feita "para dar paz, justiça e desenvolvimento à agricultura brasileira e justiça ao sofrido homem do campo. Ela está sendo feita com respeito à lei e aos direitos de todos. Mas vem sendo feita e será feita".

Eis a "Conversa ao Pé do Rádio" na íntegra:

'A luta prosseguirá'

Esta é a íntegra do pronunciamento do presidente Sarney, ontem, no programa "Conversa ao Pé do Rádio":

66 Brasileiras e brasileiros, bom dia. Aqui vos fala, mais uma vez, o presidente José Sarney.

Estamos começando mais uma das nossas conversas, "ao pé do rádio", das sextas-feiras.

Num primeiro assunto: desejo dizer a todos que acabo de receber os últimos números sobre três aspectos importantes da economia que não costumam ser citados por todos aqueles que estão agora gostando de falar mal do nosso Plano Cruzado.

Primeiro: o desemprego continua caindo e está em números baixíssimos. Está havendo trabalho para todos. Desde que se começou a medir o desemprego no Brasil, em 1980, nunca a taxa chegou a níveis tão baixos: cerca de 3%, o que é quase nada. Nas grandes nações do mundo, o problema do emprego é a principal preocupação das administrações. É a medida do êxito de um governo. Nos Estados Unidos, por exemplo, é a principal parte da mensagem anual do presidente ao Congresso. A taxa de desemprego é quase que o termômetro da economia. Este ano nós vamos ter um milhão e 900 mil novos empregos, 6% a mais do que em 1985. E veja que em 1985 tivemos o crescimento também de mais um milhão de empregos. É uma vitória. E você, que está me ouvindo, pode constatar em sua cidade como esse problema foi-se resolvendo.

Ao mesmo tempo, os salários — o poder de compra real dos salários subiu 14%. Isto também é número recorde no Brasil. Estas coisas, em benefício dos trabalhadores, especialmente dos mais pobres, estão acontecendo porque há um crescimento geral das indústrias como nunca ocorreu antes no Brasil.

Mas nem por isso a guerra de setores incon-

formados deixa de continuar. É uma batalha diária a nossa resistência. Basta ler os jornais, ouvir e ver os meios de comunicação. São vozes isoladas, mas elas não se cansam de investir contra o congelamento. Mas eu reafirmo que não abriremos mão do Plano Cruzado, lembre-se que estou defendendo, com esta posição, o interesse do povo. E o governo não pode ser culpado pela atitude dos maus brasileiros que sonham mercadorias, que especulam, que praticam crimes contra a economia popular.

Por outro lado, devemos, também, verificar os prejuízos que o País sofre com a prática de paralisações que não correspondem aos interesses dos trabalhadores, e que, muitas vezes, são incentivadas por motivos eleitorais. Os trabalhadores, então, são explorados duplamente: porque são explorados nos seus interesses e são explorados por essas pessoas que não têm nenhuma visão maior do que é a vida do trabalhador.

Calculem o que não é o atraso, neste instante de dificuldades para o País, ver 80 navios, alguns com carne e outros gêneros, esperando dias e dias pelo desembarque, a paralisação de aviões comerciais. A paralisação diária das siderúrgicas como Volta Redonda, com a possibilidade de atingir as chapas metálicas que se destinam a fazer embalagens também de alimentação, provoca outros problemas. Vejam o planejamento de invasões que estão sendo feitas em todo o Brasil, organizadas para tumultuar a reforma agrária. São problemas que dificultam o Plano Cruzado; outras paralisações, como no setor de saúde, que prejudicam a vida dos mais pobres, aqueles que não podem pagar, não podem ir à rede privada.

O Plano Cruzado estabeleceu a negociação e diálogo. Por que não tentar? Qual o motivo de partir para o confronto? O governo fez mais pelos trabalhadores do que todos esses radicais. Fez o salário-desemprego; o congelamento; a extensão dos benefícios da Previdência a todos os trabalha-

dores no campo; acabou com o arrocho salarial; aumentou o poder de compra; reduziu a inflação a cerca de 1%; baixou a cesta básica do trabalhador em cerca de 5%.

Vamos prosseguir na luta. Nós estamos, como eu disse, resistindo e resistiremos. Não estamos censurando ninguém, mas estamos conciliando as brasileiras e brasileiros de todas as classes sociais para que, juntos, possamos resolver esses problemas. Desejo reafirmar, mais uma vez, que, com todas essas dificuldades, jamais abandonaremos o congelamento de preços e os problemas que estão ocorrendo são problemas que serão esmagados.

Vamos agora às datas da semana.

Quero começar lembrando o primeiro aniversário, dia 10, do Plano Nacional de Reforma Agrária, a cargo de um ministério novo, também criado por este governo, e que tive a honra de propor, implantar e consolidar. A Reforma Agrária não é um instrumento de agitação nem de perturbação da produção agrícola. Pelo contrário, a Reforma Agrária é feita para dar paz, justiça e desenvolvimento à agricultura brasileira e justiça ao sofrido homem do campo. Ela está sendo feita com respeito à lei e aos direitos de todos. Mas vem sendo feita e será feita.

Hoje, também, é Dia do Dentista, meu abraço aos dentistas brasileiros que deram à nossa odontologia um dos mais altos padrões mundiais em desenvolvimento tecnológico e científico.

Quero terminar agradecendo, de novo, às brasileiras e brasileiros pelo apoio que estão dando ao Plano Cruzado, deixando de culpar o governo pela ação dos sabotadores e confiando na luta que estamos travando, todos nós, pelos interesses do povo.

O meu abraço afetuosos a todos e até a próxima sexta-feira. Muito obrigado."

